

**SECRETARIA DO ESTADO DE SAÚDE- SES- SP
COORDENADORIA DE RECURSOS HUMANOS- CRH
GRUPO DE DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS HUMANOS-GDRH
CENTRO DE FORMAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS PARA O SUS
“Dr. Antonio Guilherme de Souza”
SECRETARIA DE ESTADO DA GESTÃO PÚBLICA
FUNDAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO ADMINISTRATIVO- FUNDAP**

PROGRAMA DE APRIMORAMENTO PROFISSIONAL - PAP

THAÍS APARECIDA BUENO DA SILVA

**A relação Mãe e Filha e os caminhos para a feminilidade: o olhar da psicanálise
a partir do brincar de uma menina.**

**SÃO PAULO
2015**

**SECRETARIA DO ESTADO DE SAÚDE- SES- SP
COORDENADORIA DE RECURSOS HUMANOS- CRH
GRUPO DE DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS HUMANOS-GDRH
CENTRO DE FORMAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS PARA O SUS
“Dr. Antonio Guilherme de Souza”
SECRETARIA DE ESTADO DA GESTÃO PÚBLICA
FUNDAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO ADMINISTRATIVO- FUNDAP**

PROGRAMA DE APRIMORAMENTO PROFISSIONAL - PAP

THAÍS APARECIDA BUENO DA SILVA

**A relação Mãe e Filha e os caminhos para a feminilidade: o olhar da psicanálise
a partir do brincar de uma menina.**

Monografia apresentada ao Programa de Aprimoramento Profissional - SES – SP, elaborada no Instituto de Assistência Médica ao Servidor Público Estadual.

Área: Psicologia Clínica.

Orientador: Luciana Petesnuci Venturini Gutierrez.

SÃO PAULO

2015

*A todas as crianças que já atendi e que atenderei ao longo da minha carreira.
Obrigado por me ajudarem a ver o mundo com outros olhos e prometo não ser uma
pessoa grande.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por sempre me mostrar a força que tenho, mesmo quando duvido de mim mesma;

Agradeço também ao meu amor que acredita no meu potencial e suportou meus momentos de stress e desilusão com carinho e paciência;

À minha mãe pelo incentivo aos estudos e minha irmã pelo apoio e confiança;

À Luciana, minha orientadora e supervisora, que sempre com muita dedicação e disponibilidade me ajudou e orientou de maneira construtiva para realização deste trabalho e em todas as supervisões;

À Kátia, Mariangela e Maria Tereza pelas supervisões e ensinamentos que contribuíram muito para meu desenvolvimento profissional, assim como todos os colaboradores do HSPE pelo espaço e oportunidade;

Às minhas colegas de aprimoramento pelos momentos de risadas, desabafos e aprendizado.

*“As pessoas grandes não compreendem nada sozinhas, e é cansativo, para as crianças, ficar toda hora explicando...”
(Antoine de Saint-Exupéry)*

“Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e coerentes.” (Sigmund Freud).

SILVA, Thaís Aparecida Bueno da. **A relação Mãe e Filha e os caminhos para a feminilidade: o olhar da psicanálise a partir do brincar de uma menina.** Monografia F. 44 – Programa de Aprimoramento Profissional em Psicologia Clínica, Instituto de Assistência Médica do Servidor Público Estadual – Hospital do Servidor Público Estadual Francisco Morato de Oliveira, São Paulo, 2015.

Resumo

O termo feminilidade é marcado por dúvidas e incertezas e diferenciar, além da anatomia, o que torna específico do feminino se mostrou uma tarefa infrutífera e uma questão impossível de ser respondida. Neste sentido, a psicanálise, a partir de Freud, buscou desvendar como se desenvolve uma mulher. O presente trabalho buscou articular a discussão teórica com a prática clínica, sobre a relação entre mãe e filha e a expressão desse relacionamento para o desenvolvimento da subjetividade da menina e levantou as possíveis contribuições para que essa relação seja vivenciada de maneira benéfica para o tornar-se mulher (feminilidade). A partir do estudo de caso de uma menina de sete anos atendida no ambulatório de psicologia do Hospital do Servidor Público Estadual no ano de 2015.

Palavras chave: mãe e filha; feminilidade; feminino; psicanálise infantil.

Abstract

The term womanhood is marked by doubts and uncertainties and differentiates, as well as anatomy, which makes specific female proved a fruitless task and an impossible question to answer. In this sense, psychoanalysis from Freud sought to unravel as it develops a woman. This paper will seek to articulate the theoretical discussion with the clinical practice , the relationship between mother and daughter and the expression of this relationship for the development of Girl subjectivity and raise their possible contributions to this relationship is lived in a beneficial way to be-if women (femininity) . From the case of a seven -year-old study met the psychology clinic at the Hospital do Servidor Público Estadual in 2015.

Key words: mother and daughter; femininity; female; child psychoanalysis.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 09 |
| 2. JUSTIFICATIVA | 11 |
| 3. OBJETIVO GERAL | 12 |
| 4. OBJETIVO ESPECÍFICO | 13 |
| 5. METODOLOGIA | 14 |
| 6. DESENVOLVIMENTO TEÓRICO | 15 |
| 6.1 Sexualidade infantil – breve histórico dos desdobramentos de Freud | 15 |
| 6.2 A sexualidade feminina e seus impasses | 19 |
| 6.3 Relacionamento mãe e filha | 22 |
| 6.3.1 Período pré-edipiano | 23 |
| 6.3.2 Complexo de castração/inveja do pênis | 24 |
| 6.3.3 Complexo de Édipo feminino | 24 |
| 6.3.4 Relação mãe e filha | 25 |
| 6.3.5 Separação necessária: em busca da própria feminilidade | 27 |
| 6.4 A psicanálise infantil | 28 |
| 7. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE CASO | 32 |
| 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 39 |
| REFERÊNCIAS | 40 |
| CRONOGRAMA | 44 |
| ANEXOS | 45 |

1. INTRODUÇÃO

Foi a partir da análise de seus pacientes adultos que Freud percebeu que as possíveis raízes para patologias seriam advindas da infância e cunhou sua teoria do desenvolvimento da sexualidade infantil. Assim articulou suas hipóteses com a observação da vida sexual infantil de filhos de paciente e colegas, resultando no caso do pequeno Hans. Conforme nos relata Affonso (2012a), Freud buscou elaborar um modelo do funcionamento psíquico infantil e não uma propor uma psicanálise aplicada às crianças, o qual ainda segundo a autora era encarado com certo pessimismo a de articulação da psicanálise em crianças. Após a publicação desse caso, alguns psicanalistas buscaram e divergiram na estruturação da técnica de atendimento infantil, cabendo destacar Melanie Klein e Ana Freud.

Com a publicação de *Os Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* e suas sucessivas modificações ao longo do tempo, Freud estruturou suas assertivas sobre a sexualidade infantil, e posteriormente em outras publicações aprofundou-se em algumas questões que considerou primordiais para enriquecimento da psicanálise e da sua teoria. Fará parte do primeiro capítulo deste trabalho um breve histórico das principais contribuições de Freud para o desenvolvimento da sexualidade infantil e de diferenciação desses acontecimentos para ambos os sexos.

A próxima parte do trabalho focará nas contribuições da psicanálise para o desenvolvimento da subjetividade da menina e da sua constituição como mulher, englobando os conceitos de período pré-edipiano, complexo de Édipo, complexo de castração e inveja do pênis e suas consequências. Assim como a importância da figura materna neste período.

Para tal se faz essencial ressaltar que será considerada também a importância da técnica e da aplicação da psicanálise em crianças partindo dos pressupostos de Klein. Segundo Simon (1986), Klein considera o brincar da criança equivalente ao conteúdo manifesto do sonho, que após ser interpretado, revela o seu conteúdo latente. Assim, considera-se o brincar infantil como uma forma da criança manifestar sua angústia e o que lhe gera sofrimento. De acordo com Affonso (2012a):

Conversar com a criança; dispor de materiais para conversar; compreender as dificuldades de uma criança a partir da sua

expressão por meio de brinquedos são exemplos de atitudes que pressupõem um diálogo entre um adulto – no caso clínico, o terapeuta – e uma criança, quando ela, mediada pelos brinquedos, tenta dizer quais são suas preocupações, suas dificuldades, se concorda ou não em estar ali naquele contexto ludo diagnóstico. Enfim, trata-se de um “diálogo” em que pressupomos um tipo de linguagem. (Affonso, 2012a, p. 38).

Por fim, este trabalho discutirá acerca da importância da relação entre mãe e filha a partir da ilustração de um caso clínico e da contribuição da psicanálise sobre o tema.

2. JUSTIFICATIVA

A psicanálise buscou ao longo dos anos e através de divergências e contribuições entre alguns dos principais autores, estruturar a construção da subjetividade através da articulação de hipóteses teóricas com os atendimentos clínicos. Partindo desse pressuposto, o presente trabalho realizou um levantamento teórico sobre a relação entre mãe e filha e a expressão desse relacionamento a partir da análise da psicoterapia infantil e sua principal forma de comunicação, o brincar, visando contribuir para enriquecimento do tema, mas com ciência de que não será possível um esgotamento do mesmo.

3. OBJETIVO GERAL

O intuito deste trabalho foi apresentar uma discussão embasada na psicanálise acerca da importância e relevância da relação entre mãe e filha, a partir dos conceitos psicanalíticos de período pré-edipiano, complexo de Édipo, complexo de castração e inveja do pênis para constituição da personalidade da menina e a partir da técnica instrumentalizada por estes autores de aplicação da psicanálise infantil e ilustrada a partir do estudo do caso de uma menina de sete anos.

4. OBJETIVO ESPECÍFICO

Objetivou-se articular a teoria psicanalítica com a prática clínica para entendimento de como a relação mãe e filha é essencial para a constituição da subjetividade da criança e de como pode contribuir positivamente para o tornar-se mulher de uma menina, que chegou ao ambulatório de psicologia com a queixa de não conseguir se afastar de sua mãe.

5. METODOLOGIA

De acordo com Mezan (2006), “Freud considerava o trabalho com seus pacientes simultaneamente como tarefa terapêutica e como investigação científica”, considerando que para Freud, sempre uma correta interpretação sobre algo específico poderia suscitar algum resultado e contribuir para o descobrimento de formas de funcionamento do inconsciente como estrutura. Mas Mezan (2006) ainda ressalta que o método utilizado por Freud (associação livre, interpretação) também foi alvo de críticas metodológicas. Neste sentido, Safra (1993), nos afirma que aproximaríamos de manifestações delirantes se não utilizássemos a articulação teórica em suporte da prática clínica, sustentando assim a necessidade de mantermos a pesquisa em psicanálise embasada em estudos de casos clínicos, visando sempre um recorte a partir de um ponto de vista.

Partindo desses pressupostos, foi realizado um breve levantamento teórico embasado na teoria psicanalítica com o intuito de investigar como a relação entre mãe e filha interfere na constituição da subjetividade da criança. Complementado com um estudo apresentado a partir da análise de um caso clínico de uma criança de sete anos de idade, atendida em psicoterapia no ambulatório de psicologia do Hospital do Servidor Público Estadual (HSPE) durante o curso de aprimoramento em Psicologia Clínica do ano de 2015.

Destaca-se que para elaboração desse trabalho foi utilizado o arquivo exclusivo do ambulatório de Psicologia do HSPE, que de acordo com o Código de Ética do Conselho Federal de Psicologia (CFP) isenta a necessidade do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme anexo. Para garantia do sigilo, o nome da mãe e da paciente serão alterados.

6. DISCUSSÃO TEÓRICA

6.1. A sexualidade infantil – breve histórico dos desdobramentos de Freud.

Foi a partir da publicação dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), que Freud inicia suas concepções acerca da sexualidade infantil. Conforme nos explicita Strachey no prefácio à quarta edição publicada em 1920 do título citado acima,

Sua insistência (*de Freud*) na importância da vida sexual para todas as realizações humanas e a ampliação aqui ensaiada do conceito de sexualidade – tem constituído, desde sempre, o mais forte motivo para a resistência que se opõe à psicanálise (Freud, 1905, p.81, grifo meu)

A partir de então, investigou e reformulou os conceitos acerca da teoria sobre o desenvolvimento sexual infantil e sua importância para a constituição da subjetividade.

Nosso interesse volta-se para a vida sexual da criança, e procederemos ao estudo do jogo de influências que domina o processo de desenvolvimento da sexualidade infantil até seu desfecho na perversão, na neurose ou na vida sexual normal. (Freud, 1905, p. 103).

Freud buscou elaborar um modelo do funcionamento psíquico infantil e não propor uma psicanálise aplicada às crianças, conforme nos relata Affonso (2012a), o qual ainda segundo a autora era encarado com certo pessimismo por ele. Mas posteriormente, a psicanálise infantil foi amplamente desenvolvida e aplicada, principalmente por Anna Freud e Melanie Klein. Freud considera que a vida sexual poderá ser observada na criança a partir dos 3,4 anos de idade e é manifesta pelo chuchar, tendo como característica essencial o autoerotismo. Ainda neste singular escrito (*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, 1905*), também ressalta a importância da identificação com os pais, denominada Primeiro Tempo da escolha objetal, em especial da participação da mãe para o desenvolvimento da pulsão sexual e posteriormente, no Segundo tempo de escolha objetal, que ocorre na puberdade, onde os pais são modelos para essa escolha e essenciais para um desenvolvimento saudável das pulsões. A relação mãe e filho sempre foi destacada como um dos fatores primordiais.

Destacamos como características da vida sexual infantil o fato de ela ser essencialmente autoerótica (seu objeto encontra-se no próprio corpo) e de suas pulsões parciais serem inteiramente desvinculadas e independentes entre si em seus esforços pela obtenção de prazer. O desfecho do desenvolvimento constitui a chamada vida sexual normal do adulto, na qual

a obtenção de prazer fica a serviço da função reprodutora, e as pulsões parciais, sob o primado de uma única zona erógena, formam uma organização sólida para consecução do alvo sexual num objeto sexual alheio. (Freud, 1905, p. 118).

É importante ressaltar que Freud considera que a sexualidade infantil permanece em latência até os 3,4 anos de idade quando começa a se expressar e afirma que “durante todo o período de latência a criança aprende a amar outras pessoas (...) e o faz segundo o modelo de sua relação de lactente com a ama e dando continuidade a ele” (Freud, 1905, p. 133). Assim, reconhece que o amor que a mãe oferece a criança é responsável pelo despertar da sexualidade e tanto a intensidade quanto a forma de expressão será essencial ao seu desenvolvimento. Destaca também que o excesso ou falta desse amor pode ser prejudicial e não há nenhuma distinção de como ou se a sexualidade desenvolve-se de forma diferente entre os sexos.

No texto *A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade)* (1923), como o próprio título sugere há um acréscimo às afirmações e teorias expostas nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), conforme explicitado abaixo:

(...) a ênfase incidia sobre uma descrição da diferença fundamental entre a vida sexual das crianças e a dos adultos; posteriormente, as organizações pré-genitais da libido abriram caminho para o primeiro plano, e também o notável e momentoso fato do *início bifásico* do desenvolvimento sexual. Finalmente, nosso interesse foi tomado pelas pesquisas sexuais das crianças, e partindo daí pudemos reconhecer a ampla *aproximação do desfecho final da sexualidade na infância* (por volta do quinto ano de idade) para a forma definitiva por ela assumida no adulto (Freud, 1923, p. 83, grifos do autor)

A partir de então, Freud reconhece que a importância da infância não se resume à escolha objetal e que o auge da sexualidade infantil seria uma descoberta no interesse dos genitais, sendo que para ambos os sexos apenas existe o órgão masculino. “O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do *falo*” (Freud, 1923, p.84, grifo do autor). É neste texto que destaca que é possível descrever o ponto de vista masculino dos acontecimentos, enquanto que o feminino ainda é desconhecido e encerra o texto dizendo que “a masculinidade combina [os fatores de] sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade.” (Freud, 1923, p. 86).

Foi no texto *A dissolução do complexo de Édipo (1924)* que Freud descreveu o funcionamento do complexo de Édipo, “como fenômeno central do período sexual da primeira infância” (Freud, 1924, p. 101) e reconheceu que há diferenças entre os sexos, descrevendo apenas como ocorre no sexo masculino, ficando novamente o feminino, conforme Freud mesmo menciona “por alguma razão incompreensível, obscuro e cheio de lacunas” (Freud, 1924, p. 104). Ressalta que a menina desenvolve também o complexo de Édipo e o complexo de castração, mas que não ocorrem da mesma maneira que nos meninos. Para propor uma explicação de como poderia acontecer nas meninas, citou que o clitóris desempenha o papel do pênis, mas quando a menina percebe que não é a mesma coisa sente-se injustiçada e acredita que foi castrada/ castigada em algum momento. “Assim a diferença essencial de que a menina aceita a castração como um fato consumado, ao passo que o menino teme sua ocorrência” (Freud, 1924, p. 104).

Sendo assim, neste trabalho Freud acabou por considerar que o Édipo nas meninas acontece de forma mais simples que no sexo oposto, sendo nada mais que “assumir o lugar da mãe e adotar uma atitude feminina com o pai” (Freud, 1924, p. 104) e atribui sua dissolução ao abandono gradativo pela inveja e desejo de ter um falo, desejo este substituído posteriormente à consumação da castração e desejo de ter um filho do pai. Freud ainda acrescenta que esses desejos manter-se-ão no inconsciente feminino e finaliza dizendo que “deve-se admitir, contudo, que nossa compreensão interna (insight) desses processos de desenvolvimento em meninas em geral é insatisfatório, incompleto e vago.” (Freud, 1924, p.105).

No ano seguinte temos a publicação de *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925)*, onde afirma que as divergências no desenvolvimento sexual entre os sexos não podia ser percebido anteriormente e ao contrário do que citou no texto anterior, reconhece que o Édipo nas meninas apresenta um problema a mais. Freud descreve neste trabalho que há um reconhecimento maior do período pré-edipiano em ambos os sexos, onde a mãe é objeto principal, porém no caso do sexo feminino ocorre uma troca da figura objetual para o pai, mas como isso ocorre ainda não sabia descrever. É neste trabalho notoriamente que as divergências são melhor demarcadas entre os sexos e são

construídas a partir da forma como cada sexo desenvolve e dissolve o complexo de Édipo e o complexo de castração.

Examinando as primeiras formas mentais assumidas pela vida sexual das crianças, habituamo-nos a tomar como tema de nossas investigações a criança do sexo masculino, o menino. Com as meninas, assim supúnhamos, as coisas deviam ser semelhantes, embora de um modo ou de outro elas tenham, não obstante, de ser diferentes. O ponto do desenvolvimento em que reside essa diferença não podia ser claramente determinado. (Freud, 1924, p.147)

Em linhas gerais, a criança do sexo masculino apresenta o complexo de Édipo como primeiro estágio identificado, tendo a mãe como objeto de amor e o pai como rival, sendo este estágio destituído pelo complexo de castração, quando percebe que a figura feminina não tem pênis e ocorre ao menino que possa lhe acontecer o mesmo. Em referência ao desenvolvimento feminino, o autor concluiu que a mãe também é o objeto original, mas que em algum momento realiza a troca objetual para o pai, mas como já citado anteriormente, como e quando isso ocorre são questões que não ficaram muito claras. Freud, posteriormente, atribuiu então uma maior importância ao período pré-ediípico feminino e ao complexo de castração como essenciais à diferenciação entre os sexos, visto que o menino teme ser castrado enquanto que a menina reconhece não ter o falo e deseja tê-lo, levando-a a inveja do pênis que poderá resultar em importantes mudanças no caminho de construção da subjetividade e processo de sexuação. Freud acrescenta ainda que o ciúme, característica essencialmente feminina, mas que pode estar presente em ambos os sexos, é um deslocamento da inveja do pênis após abandonar seu verdadeiro objeto (Freud, 1924).

Enquanto, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração. Essa contradição se esclarece se refletimos que o complexo de castração sempre opera no sentido implícito em seu conteúdo: ele inibe e limita a masculinidade e incentiva a feminilidade. (Freud, 1925, p. 151, grifos do autor).

Dessa forma, Freud destaca a principal diferença anatômica e psíquica entre os sexos, mas que ainda permeia a dúvida de como ocorre a dissolução do complexo de Édipo na menina. Nos meninos, a partir da ameaça da castração, o Édipo é dissolvido e como herdeiro forma-se o Superego, instância psíquica onde são introjetadas as regras, proibições impostas pelo pai/pais. Porém, nas meninas Freud não conseguiu reconhecer o motivo para dissolução do complexo de Édipo e

expressa que por conta disso o Superego feminino certamente é mais dependente de questões emocionais e finaliza esse trabalho confirmando que todo indivíduo combina características tanto femininas quanto masculinas, sendo incerto definir o que é feminilidade ou masculinidade.

6.2. A sexualidade feminina e seus impasses.

O desenvolvimento da sexualidade feminina é amplamente apresentado nos textos *Sexualidade Feminina* (1931) e *Feminilidade* (1933[1932]). No primeiro, Freud inicia expondo as dúvidas que ficaram em relação à forma como a menina realiza a troca objetal da mãe para o pai, reafirmando assim a importância da fase pré-edípiana para as meninas, fase esta que o pai é um simples rival causador de problemas. Mas a intensidade com que a menina posteriormente fará ligação com este pai será diretamente precedida com a inicial fase de ligação com a mãe. Ressalta a diferença já citada do complexo de Édipo e da importância para cada sexo do complexo de castração.

“Vemos, portanto, que a fase de ligação exclusiva à mãe, que pode ser chamada de fase *pré-edípiana*, tem nas mulheres uma importância muito maior do que a que pode ter nos homens” (Freud, 1931, p. 140, grifo do autor). Freud ainda acrescenta que “nosso interesse deve dirigir-se para os mecanismos em ação em seu afastamento da mãe, que era objeto tão intenso e exclusivamente amado (Freud, 1931)”. Neste sentido, explica que a sexualidade infantil de forma geral demanda um amor ilimitado, sendo assim incapaz de ser saciado e, portanto, gerando hostilidade. Conclui dessa forma que essa troca objetal na figura feminina ocorre a partir de alguns fatores, sendo o primordial resultante da castração, pois a menina ao perceber que a mãe, anteriormente vista com o falo, também é castrada, tende a culpá-la por não ter lhe dado um pênis. Outro fator seria gerado a partir da hostilidade de insatisfação do amor ilimitado, onde ocorre que a libido abandona o objeto e busca um novo, visando sempre sua satisfação completa. Essa situação pode ser ilustrada na culpa à mãe por não ter oferecido leite o suficiente ou ter desmamado cedo. Freud também levou em consideração a possibilidade da chegada de um novo bebê que acrescentaria hostilidade à relação da menina com a mãe. Para todas essas questões se faz necessário reafirmar que a sexualidade infantil é ambivalente.

(...) a intensa ligação da menina à mãe é fortemente ambivalente, sendo precisamente em consequência dessa ambivalência que (com a assistência dos outros fatores que aduzimos) sua ligação se afasta à força da mãe mais uma vez, isto é, em consequência de uma característica geral da sexualidade infantil” (Freud, 1931, p. 143).

Freud (1931) demarca também neste trabalho o quanto a observação da relação de atividade e passividade nas crianças é interessante, visto que “quando uma criança recebe uma impressão passiva, ela tende a produzir uma reação ativa” (Freud, 1931, p. 144). Exemplifica essa questão a partir da obrigação de uma criança ao ser examinada por um médico e este exige que ela abra a boca, posteriormente, essa criança brincará de médico com alguém mais indefeso que ela, seja um irmão mais novo ou um brinquedo qualquer. Dessa forma, a criança tenta dominar seu mundo externo a partir do brincar e a observação dessa oscilação ou não nos permitirá concluir como a criança se apresenta em relação a sua sexualidade, seja de maneira feminina (passiva) ou masculina (ativa).

No trabalho intitulado *Feminilidade (1933[1932])*, Freud demarca que “aquilo que constitui a masculinidade ou feminilidade é uma característica desconhecida que foge do alcance da anatomia” (Freud, 1933[1932], p. 76) e que talvez a psicologia quem pudesse definir os conceitos, visto que são aplicados também para descrever a vida mental dos sujeitos. Porém ressalta que entre os termos, “a distinção não é uma distinção psicológica; quando dizem ‘masculino’, os senhores geralmente querem significar ‘ativo’, e quando dizem ‘feminino’, geralmente querem dizer ‘passivo’”. (Freud, 1933[1932], p. 76).

Neste texto, Freud reconhece mais uma vez que o desenvolvimento feminino mostrou-se ser mais complexo e o papel da psicanálise seria descrever como se constrói o feminino, como se desenvolve neste papel considerando todas as etapas e a disposição bissexual de toda criança. Considera que a menina é mais dócil, menos agressiva e autossuficiente, condições que favorecem seu desenvolvimento intelectual e a capacidade de controlar mais rapidamente os esfíncteres. Reforça a importância do período pré-edipiano e da valorização dessa fase para melhor entendimento das mulheres. Há também uma melhor definição de como ocorre a troca objetal da figura materna para a paterna, confirmando sua ideia de que ocorre embasado em uma hostilidade destinada à mãe por conta da castração e inveja do pênis, que pode ser superada ou não no decorrer dos anos.

Uma poderosa tendência à agressividade está sempre ao lado de um amor intenso, e quanto mais profundamente uma criança ama seu objeto, mais sensível se torna aos despontamentos e frustrações provenientes desse objeto; e, no final, o amor deve sucumbir à hostilidade acumulada. (Freud, 1933[1932], p. 83).

Freud (1933[1932]) reforça novamente a diferença do complexo de castração feminino e masculino, tendo como saída nas meninas a inveja do pênis, que pode deixar marcas significantes no caráter da mesma, ressaltando assim que o sentimento de injustiça e o ciúmes são resultantes dessa inveja. Uma importante contribuição para o conceito de feminilidade certamente corresponde ao enriquecimento das saídas possíveis da castração feminina. A primeira seria a inibição sexual ou neurose, onde após reconhecer a diferença genital e hostilizar a mãe que achava ser fálica, abandona a masturbação e predomina agora sua passividade, onde passa a dirigir seu amor ao pai quem pode lhe ofertar um pênis e, posteriormente, um bebê.

Com a transferência, para o pai do desejo de um pênis-bebê, a menina inicia a situação do complexo de Édipo. A hostilidade contra sua mãe, que não precisa ser novamente criada, agora se intensifica muito, de vez que esta se torna rival da menina, rival que recebe do pai tudo o que dele deseja. Por muito tempo, o complexo de Édipo da menina ocultou à nossa observação a sua vinculação pré-edipiana com sua mãe, embora seja tão importante e deixe atrás de si fixações tão duradouras. Para as meninas, a situação edipiana é o resultado de uma evolução longa e difícil; é uma espécie de solução preliminar, uma posição de repouso que não é logo abandonada, especialmente porque o início do período de latência não está muito distante. (Freud, 1933[1932], p. 86)

Como outra saída da castração, Freud cita o complexo de masculinidade, onde a menina não aceita sua castração e uma escolha objetual homossexual futura pode ser resultado dessa postura. Outro caminho possível é a aceitação da sua feminilidade, ao assumir sua postura mais passiva. Ressalta-se que a mulher pode oscilar entre suas escolhas durante toda sua vida. Freud atribui também à feminilidade uma quantidade maior de narcisismo, que também afeta a escolha objetual da mulher, de modo que para ela, ser amada é uma necessidade mais forte que amar (Freud, 1933 [1932]) e também considera a mulher com pouco senso de justiça, mas apresenta rigidez psíquica e imutabilidade consideráveis em relação ao sexo masculino. Finaliza sua contribuição alegando que seus escritos se restringiram a descobrir melhor o quanto a função sexual feminina interfere na formação de sua natureza.

6.3. O relacionamento mãe e filha

Conforme Guimarães (2013) citando Freud (1976) nos traz que já era expresso pelo autor que a intensidade do relacionamento sexual da menina com sua mãe da forma como descrevera parecia ser suspeita e ainda, complementa a autora, que todo problema da filha seria resultante da relação pré-edípica estabelecida com a mãe. Posteriormente Freud (1931) ainda ressaltou que há possibilidade de muitas meninas nunca superarem essa ligação original com a mãe e nela permanecerem, porém este também é o caminho para a menina desenvolver sua feminilidade, o que nos remete à confirmação de que o desenvolvimento sexual da criança é sempre permeado pela ambivalência.

Freud (1933[1932]) nos afirma que a psicologia é incapaz de solucionar o enigma da feminilidade. Assim parecerá válido também afirmar que o feminino, a feminilidade sempre pareceram temas carregados de mistérios e talvez até desconhecidos e impossíveis de se chegar à alguma conclusão. Sigal (2002) faz uma crítica neste sentido entendendo que Freud se identificava com a figura masculina e por essa questão tomou como ponto de partida o desenvolvimento do sexo masculino e levantou o questionamento sobre se não foi por este motivo que o feminino foi sempre entendido como enigmático.

Considerar todo filho como falo, toda mulher como um neurótica e toda teoria infantil como a que continua vigente nos investimentos adulto produz efeitos deletérios na clínica tanto de crianças quanto de mulheres e mães. (Sigal, 2002, pg. 61).

Sigal (2002) ainda complementa que a estrutura seja repensada a partir das mudanças sócio-históricas e que seja considerado o caminho que a criança faz e como se identifica com a mãe. Neste sentido, vale destacar que Freud desenvolveu sua teoria da sexualidade em um contexto social que percebia a mulher como destinada a se casar, ser mãe e dependente da figura masculina, como nos relata Dolto (1996), com uma visão santificada. “Tanto questões biológicas quanto sociológicas que tornaram mais difícil o estudo do comportamento feminino” (Dolto, 1996, p. 35).

Conforme Ribeiro (2009), abordar a feminilidade remete à descrever a constituição do psiquismo; tarefa esta permeada de especificações e se faz necessário pensar na interação do psiquismo da mãe com o da criança, visto que a

identificação e os investimentos da mãe em seu filho fazem marcas na constituição da feminilidade da criança e, ainda acrescenta a autora, citando André (2000, p. 247) “nós sustentamos que a identificação com a mãe é imprescindível para o surgimento da feminilidade.”.

Em linhas gerais, Freud constatou que o desenvolvimento da sexualidade da menina inicia-se com uma identificação com a mãe, a qual nomeou de período pré-edipiano, posteriormente após a menina perceber a diferença entre os sexos e de que não tem um falo passa a hostilizar a mãe e culpá-la, entre outros motivos, por não ter dado um pênis para ela, sendo esse o fator principal que possibilita a troca da figura objetal da mãe para o pai e da zona erógena, do clitóris para a vagina. Consumado assim o complexo de castração, que possibilitará a entrada da menina no complexo de Édipo, e estruturará a subjetividade e a escolha objetal futura, que ocorrerá na reedição do Édipo na puberdade.

6.3.1. Período Pré-edipiano

A fase da ligação afetuosa pré-edipiana, contudo, é decisiva para o futuro de uma mulher: durante essa fase são feitos os preparativos para a aquisição das características com que mais tarde exercerá seu papel na função sexual e realizará suas inestimáveis tarefas sociais. É também nessa identificação que ela adquire aquilo que constitui motivo de atração para um homem; a ligação edipiana deste à sua mãe transfigura da mulher em paixão. (Freud, 1932[1931], p.91)

Laplanche e Pontalis (1986, p.450), qualificam o período do desenvolvimento psicosexual anterior à instauração do complexo de Édipo; neste período predomina, nos dois sexos, o apego à mãe. Segundo Freud (1931, p.138), a relação primária da menina com a mãe fora construída de maneira muito rica e diversificada, porém foi apenas em 1931 no texto *Sexualidade Feminina* que Freud reconheceu que a menina tem essa relação primária com a mãe, a partir de suas observações clínicas de mulheres adultas, que o fez adotar outro ponto de vista sobre a sexualidade feminina. Neste sentido, Freud observou que a ligação intensa com o pai, fora precedida de uma relação com igual intensidade com a mãe e que a duração dessa dualidade pode perdurar um longo período e até levar que determinadas mulheres permaneçam nessa ligação e não mudarem de objeto para a figura masculina.

Assim, Guimarães (2013) nos explicita que o período pré-edipiano é uma fase complexa e de suma importância para o desenvolvimento da sexualidade feminina e os efeitos dessa relação podem ser expressos de diversas formas, e que essa separação é fundamental para o direcionamento dessa ligação para o pai (entrada no complexo de Édipo), e posteriormente, para outros homens. Como fator primordial para a separação, Freud determina o complexo de castração.

6.3.2 Complexo de castração/ Inveja do pênis

Uma das principais diferenças postuladas por Freud no desenvolvimento da sexualidade entre meninos e meninas foi sem dúvida, referente ao complexo de castração, visto que o sexo masculino teme a sua ocorrência, enquanto que o feminino constata que lhe falta o pênis, podendo partir daí encontrar três possíveis saídas: a neurose, complexo de masculinidade e a feminilidade. Após a constatação da diferença entre os sexos, a menina percebe-se como inferior e responsabiliza a mãe por não ter lhe ofertado um falo, passando assim a hostilizar a mãe e direcionar-se ao pai, detentor do falo e quem poderá lhe oferecer um, apresentando assim uma libido totalmente feminina e demarcando assim sua entrada no complexo de Édipo. Como já destacado anteriormente, a menina necessita realizar a troca objetual da mãe para o pai, e da zona erógena do clitóris para a vagina, e essas mudanças são possíveis a partir do complexo de castração e da inveja do pênis resultante dessa constatação.

Retomando as saídas da castração, após reconhecer ser castrada a menina sente-se inferior e pode recair na primeira saída citada, neurose, onde há um recalque dos impulsos sexuais. O segundo caminho seria a recusa dessa castração, que poderá resultar numa futura escolha homossexual. E por fim, como terceira saída seria a feminilidade, que envolveria uma postura mais passiva em relação ao seu comportamento e relacionamento. Guimarães (2013) destaca que nenhum desses caminhos são definitivos e que as mulheres podem oscilar entre eles durante suas vidas.

6.3.3. Complexo de Édipo Feminino

O complexo de castração prepara para o complexo de Édipo, em vez de destruí-lo: a menina é forçada a abandonar a ligação com sua mãe através da influência de sua inveja do pênis, e entra na situação edipiana como se

esta fora um refúgio. (...) As meninas permanecem nele por um tempo indeterminado; destroem-no tardiamente e, ainda assim, de modo incompleto. (Freud, 1932[1931], p.88)

Conforme Guimarães (2013), o complexo de Édipo foi desenvolvido por Freud e considerado como o núcleo das neuroses e da constituição psíquica do sujeito. Assim, Freud (1931[1932]) identificou que para o desenvolvimento da sexualidade feminina, o Édipo seria uma segunda parte dessa constituição, sendo a primeira o período pré-edipiano, o qual já destacamos sua relevância. O complexo de Édipo, conforme complementa Guimarães (2013) é onde a criança tem seus primeiros vínculos afetivos, identificações estruturais e o posicionamento da sexualidade.

6.3.4. Relação mãe e filha

A relação mãe e filha, por ter como especificidade, já de início, uma relação entre iguais, parece ser propiciadora de uma via de facilitação a formação do duplo. Essa relação, que tem a característica de intensas identificações narcísicas, é favorecedora de um vínculo sem fronteiras e sem alteridade. (Ribeiro, 2009, p.159).

Entender como a subjetividade da menina se estrutura envolve também pensar na subjetividade da mãe, visto que o investimento narcísico da mãe no bebê é fundamental para o desenvolvimento da sexualidade infantil. Freud (1931[1932]) ressalta que há diferença para a mulher mãe de menino da mãe de menina, visto que considera que ser mãe de um menino resolveria a inveja do falo. Ribeiro (2009) nos diz que ter uma filha remete à confusão, indiferenciação e duplicação, sendo uma via narcísica da transmissão de uma problemática de mãe à filha. A relação mãe-filha, em muito, dependerá do lugar que esta mãe ocupa na sua história como mulher, da sua relação com as gerações anteriores (Alckmin, 2002, p. 273).

Sigal (2002, p. 165) ressalta que o nascimento de um filho é um acontecimento pleno de intensidade, pois retoma sonhos de recuperação narcísica e aspirações frustradas dos pais. E a autora ainda acrescenta que não devemos reduzir, nesse sentido, a subjetividade como a busca de suprir o desejo de algo faltante, visto que cada criança tem uma história clínica e um desejo inconsciente dos pais em se tornarem pais. Retornamos então ao fato de que não podemos reduzir todo filho a uma satisfação fálica da mãe e sim considerarmos que todo filho carrega consigo desejos narcísicos dos pais, e que poderão interferir na relação pré-edípica e na futura separação necessária para o desenvolvimento da criança.

Uma mãe insatisfeita narcisicamente toma a filha como extensão. (...) Se a filha ousa recusar esse projeto de vida, sua existência fora dessa extensão narcísica não é reconhecida pela mãe. A separação pode não ser psicologicamente suportável para a filha que passa a sentir-se responsável pelo bem-estar da mãe, mesmo que à custa do seu próprio. Nesses casos, a separação pode ser vivida por ambas como uma traição, gerando culpas muitas vezes intransitáveis, ou a propensão a relações masoquistas (Ribeiro, 2009, P.54)

A questão da função materna está instalada em um terreno bem complicado, conforme Ocariz (2002), levando-se em consideração as mudanças na estrutura familiar e do papel da mulher na sociedade contemporânea, visto que Freud cunhou sua teoria em uma época onde maternidade e casamento era o ponto de chegada da mulher, não havia outros objetivos. A autora, assim como Sigal (2002), questiona se a maternidade ainda ocuparia o lugar de objeto fálico na mulher, mas certamente não podemos desconsiderar a importância do papel de mãe para a criança, e considerando que maternidade e feminilidade são conceitos que caminham juntos, um em função do outro.

Nos desenvolvimentos freudianos sobre o Édipo feminino, encontramos elementos para a construção da função materna, na qual a mulher encontra um objeto fundamental de sua sexualidade. (...) O desejo da menina é de se fazer mulher como a mãe, a fim de algum dia poder receber (do pai) um bebê/falo como o que a mãe possui. A maternidade deveria realizar para a mulher a pretensão edípica de finalmente obter um falo. (Ocariz, 2002, p. 277)

Neste sentido, parece que caímos em um circuito ao pensar a constituição da subjetividade da menina, a busca pela feminilidade. Considerando que toda menina necessita de sua mãe como objeto primário, mas também precisa separar-se dela, o que ocorre de maneira agressiva, para ligar-se a outros objetos, nos remete a um ciclo de que essa mãe repete o que foi feito com ela, e assim sucessivamente. Dessa forma, Guimarães (2013) ressalta que a relação com a mãe pode atrapalhar o percurso da menina em direção à sua feminilidade, no sentido de que apenas o vínculo com o pai não seria suficiente, visto que a menina após buscar a identificação fálica na figura masculina retorna ao feminino em busca do amor do pai que está localizado na mãe. É no retorno à mãe que a filha busca a resposta da sexualidade feminina, que permitirá a mulher se constituir como fálica, mas sem estar apenas na posição de objeto para o homem, conclui Guimarães (2013).

A menina projeta então no futuro o êxito do seu desejo genital, porquanto lhe é permitido que o seu corpo, transformado em mulher, possa agradar a rapazes de fora de seu círculo familiar. Esse êxito prometido, na lei, faz com que ela espere um êxito social e uma fecundidade humana para a qual,

desde a liquidação do Édipo, ela se prepara mediante sublimações de todas as suas pulsões, e o acesso aos poderes femininos na sociedade. (Dolto, 1996, p. 183)

Freud deixou implícito que a feminilidade é uma condição a ser constituída, e tanto o menino quanto a menina precisam sair do lugar de identificação fálica para conseguir se separar da mãe, que também tem seu papel primordial nessa relação, de desejar o bebê (tomando-o como um objeto fálico). Guimarães (2013) ressalta que o relacionamento entre mãe e filha se mostrou bastante complexo, porém de ordem estrutural para a constituição da subjetividade.

6.3.5. Separação necessária: em busca da própria feminilidade.

A complexidade e necessidade do relacionamento entre mãe e filha já foram delimitadas, assim como da obrigatoriedade de uma ruptura, porém todas essas questões envolvem uma problemática para ambas. Guimarães (2013) afirma que a filha deve abdicar de seu lugar de objeto que satisfaz a mãe, enquanto que esta não quer perder sua posição fálica que representa à criança. Sobre essa questão, Freud já havia postulado essa dificuldade na separação ao reconhecer a importância desse relacionamento. Guimarães (2013) citando Zalcberg acrescenta que “o medo de perder o amor da mãe e, conseqüentemente, de se perder, pode impedir a filha até de tentar se separar da mãe, permanecendo também sob a dominação amorosa” (Guimarães, 2013, p.51).

Sabe-se que a filha retoma a mãe em busca de uma modelo de feminilidade, identificada pelos atributos femininos, após ter seu desejo de ter o falo/bebê negado pelo pai. Guimarães (2013) cita a concepção lacaniana de que a filha se volta para a mãe por reconhecer que é a mãe detentora do amor/falo que tanto almeja do pai. Porém será apenas na puberdade, com a reedição do complexo de Édipo e o despertar da sexualidade que a menina poderá buscar outros objetos além das figuras parentais e, dessa forma separar-se dessa vinculação com a mãe. O que por sua vez pode não ser aceito pela mãe, que tenderá à repreender ou controlar o comportamento sexual da filha, reforçando a dificuldade que é a separação tanto para a filha quanto para a mãe. Freud desenvolveu suas teorias e buscou dar conta dessas diferenças sexuais e da feminilidade, conforme nos explicita Guimarães (2013), e ainda ressalta a autora que para entender a constituição da mulher, acima de qualquer premissa, devemos considerar o relacionamento estabelecido no

período pré-edipiano, que sustentará todas as posteriores escolhas objetais da menina.

6.4. A Psicanálise infantil

A técnica ludodiagnóstica tem como fundamentos teóricos os trabalhos de vários estudiosos da psicanálise, como Melanie Klein, Ana Freud, Maud Mannoni, Arminda Aberastury, Winnicott, enfim, estudiosos que nas investigações clínicas do funcionamento psíquico da criança colaboraram para o trabalho psicanalítico com crianças a partir dos trabalhos de Sigmund Freud com adultos (Affonso, 2012a, p. 58).

Freud publicou em 1909 *O caso do pequeno Hans*, mas não pretendeu iniciar uma aplicação da psicanálise com crianças. Conforme Affonso (2012a), a primeira psicanalista de crianças foi Hermione von Hull-Hellmuth, que após ser apresentada à Freud iniciou seus estudos da psicanálise e a aplicá-los em crianças e adolescentes. Uma de suas principais contribuições foi apresentada em 1921 no Congresso de Haia, *Sobre a técnica da análise de crianças*, onde discutia a importância da criação do vínculo com as crianças e sobre evitar interpretações em excesso. Neste congresso estavam presentes Ana Freud e Melanie Klein. Posteriormente, Ana Freud foi orientada por Hug-Hellmuth e seguiu sua base teórica. Após a morte de Hug-Hellmuth em 1924, assassinada pelo sobrinho que foi matéria-prima de parte de seus trabalhos, sua teoria sofreu muitas críticas que trouxeram conseqüências negativas à psicanálise infantil.

Em 1927, Melanie Klein expõe suas contribuições no artigo *Simpósio sobre a análise de crianças*, reconhecendo a importância das contribuições de Hug-Hellmuth e, conseqüentemente, Ana Freud, com quem travou uma calorosa discussão teórica. Mas também criticou o não aprofundamento na análise infantil por não ser aplicada em crianças menores de 6 anos e por adotarem como analistas uma postura educativa, que não seria objetivo da psicanálise. Desta forma, segundo Simon (1986, p. 12), Klein considerou o brincar equivalente ao conteúdo manifesto dos sonhos nos adultos, que após ser interpretado, revela o seu conteúdo latente.

Ainda segundo Simon (1986), foi Melanie Klein depois de Sigmund Freud quem mais contribuiu para o desenvolvimento da Psicanálise. Klein reformulou algumas teorias importantes de Freud a partir de suas observações cuidadosas e sua intuição, sendo precursora da análise de crianças esbarrou nas dificuldades que a técnica exigiu. Aberastury (1982) afirma que Klein baseou-se na utilização de

jogos e continuou a técnica de Freud entendendo que a criança vence suas angústias projetando suas inseguranças e medos ao brincar e que isto se torna possível pela capacidade de simbolismo.

A análise através do brincar havia mostrado que o simbolismo possibilitava à criança transferir não apenas interesses, mas também fantasias, ansiedades e culpa a outros objetos além de pessoas. Desta forma, muito alívio é experimentado no brincar, e este é um dos fatores que o tornam tão essencial para a criança. (Klein, 1991, p. 166).

Klein descreve em seu artigo *A técnica psicanalítica através do brincar: sua história e significado (1955[1953])*, a essência de sua técnica, que primordialmente considerava o brincar como forma da criança se expressar, que seria o equivalente à associação livre nos adultos, e que dessa forma conseguiria aliviar sua ansiedade. Segundo Lopes (2005), a teoria kleiniana considera a psicoterapia infantil favorável para qualquer criança, pois pode evitar ou dificultar enfermidades na vida adulta, mesmo que não apresente um emocional abalado. Sendo assim, a participação de uma criança na psicoterapia não implica, diretamente, que esta tenha uma patologia ou transtorno ou ainda que pudesse desenvolver se não tivesse participado. Neste sentido Deakin e Nunes (2008) nos afirmam que a psicoterapia de crianças pode ser definida como uma intervenção que visa atender problemas diversos, que causam estresse emocional e que dificultam o desenvolvimento e/ou ameaçam o bem estar da criança.

Inicialmente, ao trabalharmos com crianças convocam-se os pais para uma entrevista inicial, solicitando que a criança não esteja presente, mas que seja informada da consulta (Aberastury, 1982). O intuito desse primeiro contato é receber a demanda percebida pelos pais, conhecer a história da criança e rotina, tomando cuidado para que não seja um interrogatório, conforme explica Aberastury (1982), assumindo assim o papel de terapeuta da criança e tentando aliviar a angústia e medo que o sintoma da criança gera nos pais ou naquele que comparecer a esta convocação. Caso haja necessidade poderão ser realizadas mais entrevistas antes de conhecermos a criança.

Quando o psicanalista recebe os pais de uma criança, propõe-se inicialmente a escutá-los, tentando saber o que querem e como problematizam os sintomas do filho. A escuta do discurso dos pais nos fornece elementos que ajudam a saber qual a posição da criança na estrutura familiar. (Oliveira, 2010, p.212).

Após as entrevistas iniciais com os pais, combina-se uma hora lúdica apenas com a criança. Para tal, monta-se uma caixa lúdica com brinquedos, que conforme Affonso (2012c), não há uma padronização e cabe aos profissionais escolher com cautela. A autora sugere que sejam utilizados brinquedos estruturados (família terapêutica, carrinhos, animais domésticos e selvagens, materiais de cozinha, etc.) e não estruturados (materiais gráficos, peças de montar, etc.) para compor a caixa lúdica da criança, considerando sempre o que a criança costuma brincar em sua rotina, a idade e que não coloque em risco a vida da criança. É essencial ressaltar a importância inferida por Klein em que a caixa seja individual, considerando que simbolize os conteúdos internos da criança. Affonso (2012c) relata que

A individualidade dos materiais garante o sigilo terapêutico (...). Quando não consideramos a individualidade dos materiais, podemos estar invadindo a privacidade da criança, expondo seus conflitos, e isso as próprias crianças nos demonstram. (Affonso, 2012 c, p.71).

No contato com a criança, após a entrada na sala de atendimento, pergunta-se se ela sabe o motivo de estar ali, se conhece o que faz um psicólogo para perceber suas fantasias e como ela entende sua realidade, assim como a forma como se expressa. Affonso (2012 c) afirma ser essencial apresentar os motivos que os pais ou responsáveis apresentaram, cuidando para que não soe como algo negativo e sim no sentido de que procuraram ajuda para resolver algo que sozinho não conseguem. A caixa lúdica deve ser apresentada no sentido de ser uma forma da criança se expressar livremente, o que ela poderá utilizar ou não segundo seus próprios critérios. A partir de então, a criança demonstrará a sua maneira sua problemática e se tem consciência ou não do que ocorre para expressar tal sintoma. Assim como nos conclui Aberastury (1982), com a técnica de jogo, a criança nos comunica, desde a primeira hora, qual é sua fantasia inconsciente sobre a enfermidade ou conflito e, na maior parte dos casos, sua fantasia inconsciente de cura.

A criança brinca para expressar e elaborar uma angústia, e cada criança buscará elaborar suas próprias vivências que serão expressas na escolha dos materiais lúdicos. O trabalho do terapeuta será decodificar essas dificuldades e tentar ajudá-las a superá-las. A escolha do brinquedo relaciona-se à necessidade de usar um instrumento que possibilite a expressão de emoções e afetos. (Affonso, 2012 b, p. 93.)

A questão da participação dos pais na psicoterapia da criança foi trabalhada diferentemente na psicanálise infantil, conforme Atié (1999), Klein entende que os

pais influenciam no desenvolvimento, mas não os incluíam no tratamento, enquanto que Aberastury adotava uma postura mais participativa, propondo uma orientação de pais paralela à psicoterapia. A postura adotada dependerá muito da forma como cada psicólogo pretende trabalhar visto que Aberastury (1982, p.108) ressalta que “para analisar uma criança não basta um frio conhecimento da técnica e da teoria”. Considerando que o brincar remete a conteúdos inconscientes da criança, cabe ao psicólogo interpretar os possíveis significados, conforme nos explica Wanderley (2012).

A função do jogo é a de ressignificar as experiências difíceis e, à medida que a criança organiza uma brincadeira emoldurada pelo enquadre, inicia-se um movimento catártico, no qual as associações livres representadas pela brincadeira, acrescidas da interpretação do terapeuta, possibilitam o processo de elaboração daquilo que outrora foi experienciado como traumático e, portanto, muito sofrido. (Wanderley, 2012, pg. 193).

7. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE CASO

A criança se defende muito cedo dessa passividade inicial, em particular pelo jogo, em que inverte os papéis, e pela aquisição de sua autonomia, que implica também a atividade, a qual surge assim como uma defesa contra a passividade inicial. (Kaufmann, 1996, p. 204).

Ravena¹ é filha única e iniciou a psicoterapia com seis anos, completando sete anos no decorrer dos onze meses em que foi acompanhada. Seus pais se separaram quando ela tinha cerca de 3 anos e morou desde então com a mãe e a avó materna, recebendo visitas esporádicas do pai. No início do atendimento, ela e a mãe estavam de mudança de casa, onde morariam com o namorado da mãe. A busca pelo atendimento psicológico, segundo a triagem realizada no serviço, dizia ser por conta de um encaminhamento do psiquiatra onde havia suspeita do diagnóstico de TDHA, por conta da agitação e assim foi inscrita na fila de espera do ambulatório e convocada, posteriormente, para início dos atendimentos.

Na entrevista inicial, compareceu apenas a mãe relatando a queixa de que a filha é muito agitada e não dorme durante a noite, além de ser extremamente apegada à mãe. Contou sobre a separação conturbada com o pai de Ravena e o fato dele não a ver com frequência a filha, desculpando-se por morar em outra cidade. Quando o pai a visita, a criança não quer ficar muito tempo com ele, chorando e exigindo ficar com a mãe. Relata que reconhece como um erro não ter contado à criança na época da separação a verdade, visto que a criança sentia a falta do pai, mas a mãe lhe dizia que ele estava trabalhando e logo voltaria. Em seu relacionamento atual, também omitiu de início, apresentando o namorado como um amigo por medo do ciúme excessivo que a criança apresenta e que a preocupa, pois entende ser um apego desnecessário e que fará mal à filha quando crescer. Contou também que elas ainda dormem na mesma cama.

Realizou-se uma segunda entrevista com a mãe, onde foi possível apontar a importância de esclarecer as situações para a criança. A mãe relatou a dificuldade da criança em aceitar a mudança e do quanto se sente impotente por não conseguir melhorar esse comportamento da filha. Nessas primeiras entrevistas, foi possível perceber um pouco da dinâmica familiar, mas faltava ainda conhecermos a criança.

¹ Nome Fictício. Representa uma personagem de um desenho infantil desenhada pela paciente em uma das sessões.

Na entrevista lúdica realizada apenas com a criança, ela verbalizou que reconhece ser agitada e sua dificuldade em dormir. Relatou também que sua brincadeira favorita na escola era policia e ladrão, “que gosta de fugir dos homens, correr deles e não de correr atrás deles” (sic), explicando que as meninas brincavam contra os meninos e vice-versa. Fechamos o contrato de psicoterapia breve com doze sessões, com a possibilidade de estender caso percebêssemos necessidade e a criança e a mãe aceitaram.

No início dos atendimentos, Ravena demonstrou sua agitação e medos a partir das brincadeiras e das conversas no setting. Em uma das primeiras sessões realizadas, pediu ajuda da psicóloga para contar até mil, o que foi interpretado como sua maneira de expressar a turbulência de pensamentos que a invadiam e seu pedido de ajuda. Assim como nas sessões posteriores sua brincadeira predominante de restaurante, servindo refeições e banquetes para 442 pessoas, sendo perceptível o quanto a criança sentia-se sobrecarregada e responsável por suprir ou oferecer algo.

Nas primeiras sessões a criança relatava que estava com a cabeça cheia de pensamentos e é muito esquecida, o que foi entendido como algo que a deixa agitada e a atrapalha para dormir. Ravena também brincava bastante com água, enchendo as jarras para cozinhar. Em uma determinada sessão, derrubou diversas vezes a água em sua roupa e na mesa do consultório, o que foi interpretado como algo que não conseguimos controlar ao que a criança verbaliza que não é possível controlar nós mesmos.

Houve uma sessão em que brincávamos de restaurante e Ravena sugeriu que a psicóloga fizesse um brigadeiro e depois pediu para provar, colocando a água que estava na panela em um dos pratinhos e bebendo-a, dizendo “seu brigadeiro danado pulou dentro da minha boca” (sic). Foi interpretado que talvez fosse algo que a psicóloga poderia fazer por ela e logo em seguida, a criança jogou toda a água fora por que tinha estragado tudo.

Klein (1997) chama a atenção para a surpreendente facilidade com que as crianças aceitam a interpretação e beneficiam-se de seu rápido efeito. A retomada de uma brincadeira anteriormente interrompida ou a mudança de um jogo sugere que a criança tem melhores condições psíquicas de concluir - lá ou modifica - lá, em virtude da compreensão da interpretação feita. (Wanderley, 2012, pg. 198).

Na sessão seguinte, apontei que pensava que o pensamento que dominava era o medo dela perder a mãe e ela concordou. Relatou que sua mãe estava triste porque o namorado a deixou e por isso não poderia desgrudar dela um segundo. A partir da hipótese confirmada, trabalhou-se a questão de que ela não precisa cuidar da mãe e nem sentir-se responsável por cuidar dela. Neste sentido, conversou-se com a criança sobre falarmos essas questões para a mãe e Ravena concordou. Considerando o trabalho de psicoterapia infantil na visão proposta por Aberastury, realizando orientações durante o tratamento da criança, chamamos a mãe para uma sessão, apontando a questão da preocupação de Ravena com a mãe, que diz reconhecer, mas que não sabe como colocar na cabeça da criança que não precisa se preocupar com isso. Percebeu-se a fragilidade da mãe e da necessidade de um espaço para si, então encaminhamos à psicoterapia com outra profissional no ambulatório e propomos à Ravena que a ajudaríamos dessa forma a cuidar da mãe, o que ela aceitou muito bem.

Considerando o contrato inicial de doze sessões, sentimos a necessidade de continuarmos a psicoterapia de Ravena, e entendendo que a psicoterapia da mãe iria beneficiar o relacionamento entre elas. Dessa forma, refizemos o contrato estipulando o término ao final de fevereiro 2016, quando acabaria o vínculo da psicóloga com a Instituição.

Outro recorte significativo para ilustrarmos, refere-se a uma sessão em que a mãe no horário da sessão foi até o ambulatório avisar que atrasariam por conta da consulta na Psiquiatria, anterior à nossa, que atrasou. Vale ressaltar que o ambulatório de Psicologia fica no mesmo prédio que a Psiquiatria, no 1º e 2º andar respectivamente. Ravena chegou com quinze minutos de atraso e sugeriu que brincássemos de médico, atribuindo a psicóloga o papel de psiquiatra e a ela, de uma mãe que traz sua filha para a consulta. Dessa forma, pode expressar suas fantasias de que se tornaria um monstro se não melhorasse e que sua cura estaria associada a uma internação, tendo a mãe como psicóloga.

Às vezes brinca com jogos em que atribui papéis ao analista e a si mesmo (...). Em tais jogos, a criança frequentemente assume o papel do adulto, expressando assim não apenas seu desejo de reverter os papéis, mas demonstrando também como sente que seus pais ou outras pessoas de autoridade comportam-se em relação a ela – ou deveriam se comportar. (Klein, 1991, pg. 155).

Zimerman (1999) destaca que é essencial percebermos as mudanças nas configurações familiares, que trazem alterações significativas na subjetividade da criança. Assim, ressalta-se o fato de que a mãe de Ravena é veterinária, tendo uma jornada extensa e escala de trabalho variável e que algumas vezes resultaram em faltas durante o processo. Também devemos considerar o fato dela ter sido mãe solteira durante a maior parte do desenvolvimento de Ravena.

Vimos que a criança deve passar de uma relação dual e simbiótica com a mãe para uma triangulação, um terceiro entra na relação mãe-criança, que essencialmente seria o pai, na figura de alguém que impõe um limite a essa relação. Configurando-se o complexo de Édipo, que para a menina passa a direcionar seu amor à figura paterna em busca do pênis, mas ao ter esse desejo negado retorna à mãe na busca desse lugar de afeto. Neste sentido, é essencial destacar que o filho também pode ocupar um lugar fálico para a mãe, e que esta separação necessária pode significar um sofrimento psíquico para ambos.

Uma maternagem adequada também implica não só essa necessária *presença* da mãe, mas também na sua condição de *saber estar ausente* e, com isso, promover uma progressiva e necessária “desilusão das ilusões”. (Zimerman, 1999, pg. 105, grifos do autor).

Com a ausência da figura paterna na vida de Ravena devemos nos questionar quem exerceria esse papel que é fundamental para a constituição psíquica da criança. Zimerman (1999) nomeia como ação patogênica da figura paterna essa condição de ausência afetiva e física do pai, e ressalta que nestas situações haverá uma falha na necessidade de um terceiro que imponha regras e limites. Em algumas situações pode-se perceber o quanto a presença de um terceiro é percebida como ameaçadora por Ravena.

Neste sentido, penso que o trabalho que demanda muito da presença da mãe tenha atuado como esse terceiro castrador da relação entre elas. Considerando também que a mãe oferece cuidados a outros, que a impossibilita de responder ao pedido de Ravena por atenção e amor ilimitado. Logo, na situação em que fantasia oferecer a mãe o papel de psicóloga no hospital parece buscar a atenção e espaço que é oferecido a ela nas sessões.

Na prática cotidiana, a criança entre 5 e 10 anos prefere brincar de representar papéis (de professor e aluno, médico e paciente, de balconista, escriturário, etc.). Os brinquedos são monótonos e se repetem por semanas

e meses. É preciso aprofundar todos os detalhes de um brinquedo e também as razões que levam a mudá-lo para alcançar as motivações inconscientes. (Simon, 1996, pg. 41).

Após faltas consecutivas na sessão por contra do trabalho da mãe, Ravena propôs a brincadeira de médico e assumiu o papel de médica de cirurgia, onde operaria a psicóloga (no papel de paciente) do coração, o trocando por outro. Encerrou essa sessão querendo colar a psicóloga e a si mesmo na cadeira do consultório para não ir embora. Entendeu-se o quanto as faltas a estavam angustiando em conjunto com a possível falta da mãe na vida da criança, que parecia estar voltada a sua carreira profissional e de certa forma deixando de lado sua vida pessoal e afetiva em relação à maternagem. Ressalta-se que a mãe desistiu da terapia pessoal.

Conversou-se com Ravena sobre a possibilidade de estar percebendo uma ameaça ao setting, por isso quer se colar, ao que verbalizou que não era verdade e logo em seguida, encenou um comercial de televisão ensinado o público a lavar a sujeira feita com cola, o que entendeu ser uma forma de mostrar a mãe como cuidar dela. Expressou verbalmente que não tem mais medo da mãe a abandonar, e sim do tempo das sessões acabarem, relatando que tinha medo da estória da loira do banheiro, mas que sabe que não é de verdade. Dessa forma, percebe-se que houve uma possível elaboração da ausência da mãe. Penso que Ravena tenha recursos internos para separar-se desse vínculo e que a psicoterapia seja um espaço em que consiga expressar sua angústia quanto a essa separação. Porém lidar com as limitações reais também se mostra um desafio que exige um manejo impar na psicoterapia, sobretudo na infantil, considerando que a criança depende dos pais ou de algum responsável para chegar até a terapia. Assim, as faltas e atrasos conotam que a criança não tem controle sobre o espaço que é dela, e entendeu-se que Ravena sente-se dessa forma em relação à psicoterapia, ao trabalho da mãe e como esse ambiente desorganizado reflete sua vida emocional, e sua agitação e dificuldade em dormir podem ser entendidas a partir desses apontamentos.

Freud (1933[1932]) destaca que há uma agressividade ligada a um amor intenso e quanto mais profundo for esse sentimento da criança para com o objeto (neste caso, a mãe), mais sensível se torna as frustrações e desapontamentos sofridos nesta relação. Dessa forma, a ambivalência que permeia a relação mãe-criança se torna necessária para sustentar e promover a mudança objetal. A filha carrega o medo de perder o amor da mãe e a mãe sofre com a ameaça da destituição de seu lugar, e da não realização de seus projetos narcísicos e ideais projetados na filha (Guimarães, 2013, pg. 52). Percebe-se que as brincadeiras de Ravena expressam justamente essa angústia em perder algo e por isso parece sempre querer oferecer algo em demasia, mas que nem sempre recebe em troca (restaurante, banquetes). O que no leva a pensar que o vínculo estabelecido com a mãe no período pré-edipiano fora tão intenso que ambas são dependentes dessa relação. Durante a psicoterapia, Ravena pode elaborar essa separação e buscar outras maneiras de lidar com a castração de forma a não sentir-se tão amedrontada, reforçando seus recursos internos para adaptar-se as situações que não se pode controlar.

Parece ser essencial reforçar que as possibilidades do desenvolvimento subjetivo da menina, após lidar com a castração, se desdobrarão em três caminhos: a feminilidade, o complexo de masculinidade e a neurose, sendo que nenhum desses posicionamentos é definitivo, são oscilantes durante toda a vida. Ravena durante as sessões realizadas, das quais tivemos alguns recortes neste estudo, pode expressar seu sofrimento e elaborá-lo de forma a ter recursos para a passagem de um relacionamento mais primitivo com a mãe para um com melhores condições de adaptar-se as ausências e faltas da presença materna, podendo utilizar-se de seus recursos e de novas ligações, possíveis a partir desse relacionamento inicial.

Zornig (2008) destaca que algumas crianças negam sua própria infância em busca de corresponder aos desejos e expectativas dos pais, mas que ao mesmo tempo é fundamental que haja um investimento narcísico dos pais nas crianças, essencialmente quando bebês. Dessa forma, desde muito cedo o relacionamento da criança com as figuras parentais é permeado de ambivalência, o que conseqüentemente pode causar muita angústia e como cada um conseguirá lidar

com essas situações dependerá das condições ofertada pelos pais e da forma como conseguem manejar e sustentar as necessidades da criança. Em suma, além de saber estar presente e estar ausente à mãe têm a tarefa de, inconscientemente, oferecer subsídios para a criança desenvolver sua subjetividade, que não será simplesmente uma soma dos investimentos narcísicos com as frustrações e agressividade gerada a partir desse relacionamento. E sim, a partir do reconhecimento da castração e impossibilidade de ser completa, que a menina possa elaborar e “fazer as pazes com a mãe” (se identificar novamente com os traços maternos) visando assim construir sua própria feminilidade.

A importância da relação mãe e filha para o desenvolvimento da subjetividade se solidifica no caso de Ravena, visto que o sintoma e queixa manifesta pela mãe e por ela no início da psicoterapia eram provenientes dessa relação. A criança parece entender que sua demanda por atenção e amor ilimitado da mãe não pode ser totalmente atendida e se esforça para se adaptar à atenção que lhe é ofertada pela mãe e a partir de então, entendeu-se que ao final do contrato estabelecido nesta Instituição Ravena não necessite de encaminhamento e sim de um ambiente familiar que sustente sua busca por atenção ao mesmo tempo que lhe imponha os limites necessários para um bom desenvolvimento.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do levantamento teórico e da discussão de caso apresentados foi possível um melhor entendimento e reflexão sobre a importância da relação entre mãe e filha para o desenvolvimento psíquico e o quanto a psicoterapia infantil pode contribuir para enriquecimento dessa relação.

Freud ao investigar a sexualidade infantil e considerar como base para entendimento das patologias nos adultos abriu caminhos para melhor entendimento da constituição da subjetividade. Ao longo de sua obra conseguiu confrontar suas teorias com a prática clínica, abrindo caminhos para novas formulações teóricas e que mais estudos partissem de suas dúvidas e de respostas não encontradas. E certamente, uma delas refere-se ao enigma da feminilidade. Resposta esta que alguns autores pós-freudianos exploraram e contribuíram, e provavelmente outros mais o farão. Este estudo não pretendeu responder esta pergunta, mas partiu desse ponto visando entender a importância da figura materna para o desenvolvimento psíquico de uma menina, e claramente também não se esgota aqui as possibilidades de enriquecimento do tema e de outros que surgiram no decorrer do estudo de caso.

A partir de então foi possível confrontar a importância que Freud atribuiu à relação mãe e filha com um caso que trazia como queixa a dificuldade justamente nessa separação. Tanto os conteúdos trabalhados com a criança durante a psicoterapia como o levantamento teórico partiram do fundamento e da importância reconhecida pela psicanálise e, essencialmente ao feminino, de elaborar a falta/castração. Não temos como prever nem controlar como esse desenvolvimento se constituirá a partir de então, visto que os conteúdos inconscientes do Édipo serão reeditados na puberdade, mas a importância da psicoterapia para a criança nessa fase se consolida para que o sofrimento e o gozo possam abrir outras possibilidades que sejam mais adequadas para lidar com os conflitos que permeiam a subjetividade e construção da feminilidade.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A. **Psicanálise da criança**. Artes médicas: Porto Alegre, 1982.
- ATIÉ, F. **O lugar dos pais na psicanálise de crianças**. Tese de Mestrado. Rio de Janeiro, 1999. Disponível em http://www.psy.med.br/textos/frida_atie/textos/dissertacao_frida_atie/inicio_atie.pdf. Acesso em Dezembro/2015.
- AFFONSO, R.M.L. **Breve histórico da técnica**. In: AFFONSO, R.M.L. (org). Ludodiagnóstico: investigação clínica através do brinquedo. Porto Alegre: Artmed, 2012a, p.58-63.
- AFFONSO, R.M.L. **O brinquedo, sua evolução e seus possíveis significados**. In: AFFONSO, R.M.L. (org). Ludodiagnóstico: investigação clínica através do brinquedo. Porto Alegre: Artmed, 2012b, p.69-77.
- AFFONSO, R.M.L. **O procedimento ludodiagnóstico**. In: AFFONSO, R.M.L. (org). Ludodiagnóstico: investigação clínica através do brinquedo. Porto Alegre: Artmed, 2012c, p.69-77.
- DEAKIN, E.K.; NUNES, M.L. T. **Investigação em psicoterapia com crianças: uma revisão**. In Revista Psiquiatria RS. 2008; 30 (1 Supl). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rprs/v30n1s0/v30n1a03s0.pdf>. Acesso em Dezembro/2015.
- DOLTO, F. **Sexualidade feminina: libido, erotismo, frigidez**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 3ª Ed.
- FREUD, S. **Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925)** In: O ego e o ID (1923-1925). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIX Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980.
- FREUD, S. **A dissolução do complexo de Édipo (1924)** In: O ego e o ID (1923-1925). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980.

FREUD, S. **A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade) (1923)** In: O ego e o ID e outros trabalhos (1923-1925). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980.

FREUD, S. **A sexualidade feminina (1931)** In: O futuro de uma ilusão, o mal estar na civilização e outros trabalhos (1927-1963). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980.

FREUD, S. **Feminilidade (1933[1932])** In: Novas conferências introdutórias sob psicanálise e outros trabalhos (1932-1936). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)** In: Um caso de histeria. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos (1901-1905). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980.

GUIMARÃES, I.M.C. **A relação mãe e filha e os impasses no caminho da feminilidade**. Tese de mestrado. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/22243/22243.PDF>. Acesso em Dezembro/2015.

KLEIN, M. **A técnica psicanalítica através do brincar: sua história e significado (1955[1953])**. In: Inveja e gratidão e outros trabalhos 1946-1963. Obras completas de Melanie Klein. Vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LOPES, K. R. **Psicanálise com crianças: quando o brincar é dizer**. In: Revista Vernáculo, 2005. n.14-15-16, p.140-158. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/vernaculo/article/view/17441>. Acesso em: Dezembro/2015.

MEZAN, R. **Pesquisa em psicanálise: algumas reflexões**. Jornal de Psicanálise, São Paulo, 39 (70): 227-41, jun. 2006. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v39n70/v39n70a15.pdf>. Acesso em Setembro/2015.

OCARIZ, M.C. **Feminilidade e função materna**. In: ALONSO, S.L.; GURFINKEL, A.C.; BREYTON, D.M. (orgs). Figuras clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo / Depto. De Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. São Paulo: Escuta, 2002.

OLIVEIRA, L.G.M. **A transferência no trabalho com pais na instituição**. In: KUPFER, M.C.M.; NOYA PINTO, F.S.C.; (Orgs). Lugar de vida, vinte anos depois. Exercícios de educação terapêutica. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2010.

RIBEIRO, M.F.R. **De mãe em filha: a transmissão da feminilidade**. Tese de doutorado. São Paulo, 2009. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_ação=&co_obra=163375. Acesso em Dezembro/2015.

SAFRA, G. **O uso do material clínico em pesquisa psicanalítica** In: SILVA, M.E.L. (org). Investigação em psicanálise. Campinas: Papyrus, 1993, p.119-132.

SIGAL, A.M. **Algo mais que um brilho fálico. Considerações acerca da inveja do pênis**. In: ALONSO, S.L.; GURFINKEL, A.C.; BREYTON, D.M. (orgs). Figuras clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo / Depto. De Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. São Paulo: Escuta, 2002.

SIMON, R. **Introdução à psicanálise: Melanie Klein**. São Paulo: EPU, 1986.

WANDERLEY, K. **O lúdico no contexto hospitalar: quando o brincar no contexto hospitalar é recreação e quando é ludoterapia**. In: AFFONSO, R.M.L. (org). Ludodiagnóstico: investigação clínica através do brinquedo. Porto Alegre: Artmed, 2012, p.192-199.

ZIMERMAN, D.E **Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

ZORNIG, S.M.A. **As teorias sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões.** Psicologia em Estudo, Maringá, v.13, n1=. 1, p. 73-77, jan/mar 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n1/v13n1a08.pdf>. Acesso em Dezembro/2015.

CRONOGRAMA

| | |
|------------------------------|--|
| Setembro/Outubro 2015 | Escolha do tema, do caso para estudo e realização do projeto para aprovação do CEP. |
| Dezembro 2015 | Após aprovação, levantamento bibliográfico e teórico do tema. |
| Dezembro 2015 | Articulação teórica com o caso. |
| Janeiro 2016 | Formatação geral do trabalho. |
| Janeiro 2016 | Finalização |
| Janeiro 2016 | Entrega |
| Fevereiro 2016 | Apresentação |

ANEXOS

JUSTIFICATIVA DA AUSÊNCIA DO TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

O presente documento tem como objetivo justificar a ausência do termo de consentimento informado no projeto “A relação mãe e filha e os caminhos para a feminilidade: o olhar da psicanálise a partir do brincar de uma menina”, desenvolvido como monografia apresentada ao final do Programa de Aprimoramento em Psicologia Clínica, realizado no Hospital do Servidor Estadual Francisco Morato Oliveira em conjunto com a FUNDAP, no ano de 2015/16, pela psicóloga Thaís Aparecida Bueno da Silva e orientada por Luciana Petesnuci V. Gutierrez.

De acordo com a Resolução CFP nº 16/2000 de 20 de dezembro de 2000, Ementa: Dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos, do Consentimento Informado, Artigo 6º - O psicólogo pesquisador poderá estar desobrigado do consentimento informado nas situações em que: II – As pesquisas sejam feitas a partir de arquivos e banco de dados sem identificação dos participantes. Foram utilizados registros em prontuários dos pacientes referidos neste trabalho, além de registros armazenados em arquivo exclusivo do Serviço de Psicologia; estes foram analisados qualitativamente de acordo com o referencial teórico descrito no projeto. Para garantia do sigilo das informações e a preservação da identidade dos pacientes, os nomes foram alterados e a apresentação foi cuidadosa no sentido de preservar dados que os identificassem. Fica, dessa forma, justificada a ausência do termo de consentimento informado no presente trabalho.